

Financiamento do BNDES para inovação avança 130%

Aprovações, que somam R\$ 5,3 bi, vão fomentar digitalização e descarbonização

Alexa Salomão

SÃO PAULO O BNDES fechou 2023 com a aprovação de R\$ 5,3 bilhões para projetos de inovação, aumento de 130% em relação ao ano anterior. A maior parte, R\$ 3,9 bilhões, envolve operações diretas do banco público, e outro R\$ 1,4 bilhão faz parte de operações indiretas com bancos parceiros.

Serão beneficiados 36 projetos de empresas de todos os portes, nas áreas de fármacos, mobilidade, telecom, semicondutores e agronegócio, para citar alguns exemplos.

"O BNDES voltou a apoiar a agenda de inovação, que é estratégica para o aumento da competitividade das empresas dentro do atual contexto econômico no mundo", afirma o diretor de Desenvolvimento Produtivo, Inovação e Comércio Exterior do BNDES, José Luiz Gordon.

"Existe uma janela para o

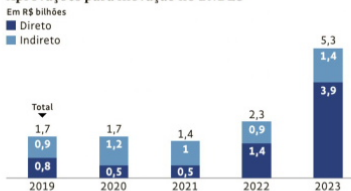
Brasil, especialmente dentro da transição energética, da descarbonização, da bioeconomia. O país pode não apenas entrar na geração de hidrogênio verde, por exemplo, mas também na produção de máquinas e equipamentos para hidrogênio verde. Não queremos apenas produzir etanol se podemos também fazer SAF [sigla em inglês para combustível sustentável de aviação]. A indústria pode puxar essa agenda verde."

Gordon lembra que o potencial nacional é tão grande que já há empresas brasileiras recebendo subvenção do governo americano para instalar unidade-piloto de produção de SAF nos Estados Unidos.

"Temos a tecnologia do etanol, mas o governo americano está levando as nossas empresas para lá com subsídio."

O apoio à inovação ocorre dentro do programa BNDES Mais Inovação. A maior par-

Aprovações para inovação no BNDES



Fonte: BNDES



O país pode não apenas entrar na geração de hidrogênio verde, por exemplo, mas também na produção de máquinas e equipamentos para hidrogênio verde

José Luiz Gordon, diretor de Desenvolvimento Produtivo, Inovação e Comércio Exterior do BNDES

É fundamental país ter empresas aéreas próprias, diz Mercadante

Leonardo Viecelli

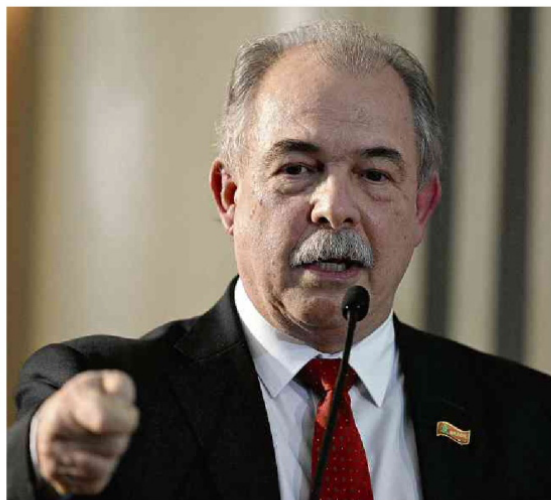
RIO DE JANEIRO O presidente do BNDES, Aloizio Mercadante, afirmou nesta quinta-feira (8) que é fundamental que o Brasil tenha companhias aéreas próprias.

Nesse sentido, ele prometeu que o BNDES dará prioridade para o setor refinanciar as suas operações assim que for resolvida a questão das garantias para os empréstimos.

As declarações ocorreram em meio a um cenário de pressão das companhias aéreas no governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT). As empresas pedem medidas de socorro após os impactos da pandemia de Covid-19, que paralisou viagens nacionais e internacionais.

"O BNDES dará prioridade, assim que tiver resolvido o problema da garantia. É um setor estratégico, que gera renda e desenvolve o Brasil. É fundamental o país desse tamanho ter empresas aéreas próprias", disse Mercadante a jornalistas.

Ele participou de um evento da Embratur (Agência Bra-



O presidente do BNDES, Aloizio Mercadante. Mauro Pimentel - 7/Dez.23/Folhapress

sileira de Promoção Internacional do Turismo) no aeroporto internacional do Galeão, na zona norte do Rio de Janeiro.

O início de ano no setor aéreo foi marcado pelo pedido de recuperação judicial da Gol. A Justiça dos Estados Unidos aceitou a solicitação em 26 de janeiro.

Mercadante declarou que o setor "está muito bem" neste momento, já que a demanda por voos mostrou retomada após a pandemia.

O problema, segundo o presidente do BNDES, é o passivo acumulado pelas empresas em crise sanitária.

"Temos de encontrar uma forma que assegure garantias para que o BNDES e bancos privados possam refinanciar esse setor", afirmou.

Mercadante não detalhou qual poderá ser o valor destinado ao socorro, nem a possível forma de ajuda.

De acordo com ele, o Ministério da Fazenda é o órgão responsável por definir o instrumento de auxílio.

"O setor aéreo é vital para a economia, não é só para o tu-

rismo", disse.

Em visita ao Rio de Janeiro na segunda-feira (5), o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, confirmou que o governo estuda socorro para a reestruturação das empresas, mas sem dinheiro do Tesouro Nacional.

Haddad estimou que uma proposta poderá ser desenhada ainda neste mês de fevereiro. Uma das possibilidades em análise é a criação de um fundo para fornecer garantias a empréstimos.

Mercadante disse ainda nesta quinta que, ao contrário do Brasil, outros países adotaram medidas de socorro para as empresas em razão da pandemia.

"Os aviões ficaram no chão. As empresas tiveram de pagar leasing [serviço de aeronaves], aluguel, manter equipes de pilotos, equipes de bordo. Acumularam passivo expressivo", afirmou.

"O Brasil não teve nenhuma iniciativa para refinanciar a dívida. Não é subsidiar, é refinanciar. É dar um prazo mais dilatado porque o setor está bem", completou.

O que vai puxar o PIB do Brasil em 2024?

'Há distância entre a taça e os lábios', mas existir sede de investimento já é boa notícia

André Roncaglia

Professor de economia da Unifesp e doutor em economia do desenvolvimento pela FEA-USP

A atividade econômica de 2023 foi puxada pelo aumento real de 12% dos gastos públicos, pela expansão da agropecuária (cerca de 16%) e pelo recu- rso do PIB. Repetição da Folha repercutiu estudo do Ipea que evita que a desaceleração econômica pese sobre sua população em ano eleitoral. Com a contração fiscal programada (déficit zero) e o risco de

quebras de safra em setores importantes da agricultura, o impulso ao crescimento virá dos investimentos.

A taxa de investimento no Brasil é um indicador crucial para avaliar o crescimento econômico e a saúde financeira do país. Entre 2013 e 2023, esse indicador caiu de 20,9% para 16,6% do PIB. Reportagem da Folha repercutiu estudo do Ipea que evita que a desaceleração econômica pese sobre sua população em ano eleitoral. Com a contração fiscal programada (déficit zero) e o risco de

Essa necessária reconstrução deve ser moldada pela agenda de descarbonização, induzindo investimentos em novos maquinário e tecnologia. Estima- do em R\$ 400 bilhões por ano (McKinsey), o esforço em reduzir as emissões de gases do efeito estufa abre valiosa janela de oportunidade e estimula a musculatura empresarial.

As iniciativas do Novo PAC e do Plano Nova Indústria Brasil buscam coordenar os setores público e privado nessa direção, mas ambos têm orçamentos limitados pela regra fiscal

pela aversão do rentismo institucionalizado à política industrial. Nessas circunstâncias, estará o investimento privado apto a carregar o piano?

Vejamos: a taxa de investimento é influenciada por fatores como o ritmo da economia, o custo de capital, a confiança dos investidores e a direção da política econômica. O que dizem os dados?

Em 2024, a recuperação dos investimentos se apoiará na maior confiança empresarial na demanda futura (via queda acentuada dos estoques),

ajudada pela pujança das nossas exportações. O consumo das famílias dará reforço via expansão do crédito —devi- da à queda da inadimplência— e elevação real do salário mínimo e dos rendimentos do trabalho, bem como pela antecipação do pagamento dos precatórios repesados (R\$ 92 bilhões).

Ademais, a saliência do esforço de reindustrialização resgatou a orientação industrial e inovativa do BNDES (com ampliação e direcionamento do valor dos desembolsos) e foi reforçada pela proposta de depreciação acelerada e pelo programa de Mobilidade Verde e Inovação (Mover) do Mdic.

De forma concreta, destaca-se os seguintes anúncios de investimentos: cerca de R\$ 235 bilhões no setor de infraestrutura (80% via setor privado) e outros R\$ 96 bilhões do Minha Casa, Minha Vida (que aquecerá o setor da construção, segundo sondagem da FGV). Incentivada pelo progra-

ma Mover, a indústria automotiva já anunciou investimentos de R\$ 41,4 bilhões até 2023.

Esse entusiasmo empresarial reflete a restauração de um ambiente favorável aos negócios produtivos no país, com as aprovações do novo marco fiscal e da reforma tributária, o marco das debêntures de infraestrutura, a queda da taxa Selic e a canalização de recursos para setores essenciais via medidas de correção de distorções tributárias (como os fundos exclusivos e letras de crédito imobiliário e do agronegócio, dentre outras).

Se a onda de confiança ganhar força, a expansão dos investimentos em modernização e inovação poderá gerar empregos de qualidade, aumentar a produtividade do trabalho e dar suporte à atividade econômica.

Como diria o velho Keynes: há distância entre a taça e os lábios. Mas o fato de haver sede de investimento já é uma boa notícia. Boa tarde!